

Lilliam Moro

CONTRACORRENTE

POESIA



IV Prêmio Internacional de Poesia
"Pilar Fernández Labrador" - Salamanca



HEBEL

Lilliam Moro

CONTRACORRENTE

POESIA

HEBEL

Lilliam Moro

CONTRACORRENTE

P O E S I A

*IV Prêmio Internacional de Poesia
"Pilar Fernández Labrador" - Salamanca*

Preâmbulo
ÁLVARO ALVES DE FARIA

Tradução
LEONAM CUNHA

Pinturas
MIGUEL ELÍAS



HEBEL ediciones

Bajo Cuerda | Poesía

CONTRACORRENTE | POESIA
© Lilliam Moro, 2017.

Tradução: Leonam Cunha

© HEBEL Ediciones
Colección Bajo Cuerda | Poesía
Santiago de Chile, 2017.
www.issuu.com/hebel.ediciones

Projeto gráfico: Luis Cruz-Villalobos
www.benditapoesia.webs.com

Pinturas da capa: Miguel Elías
Fotografia de Lilliam Moro: Jacqueline Alencar

O que é HEBEL. É um selo editorial sem fins lucrativos. Termo hebreu que denota efemeridade, vanidade, passagem, sopro leve que velozmente parte. Assim, este selo pretende ser um frágil gesto de permanência das palavras, em edições sempre preliminares, que são lançadas ao espaço e tempo para fazer sentir-se bem ou simplesmente para inquietar a vida, que sempre está em permanente devir, em especial a deste "húmus que observa o céu".



IV PRÊMIO INTERNACIONAL DE POESIA “PILAR FERNÁNDEZ LABRADOR”

Um júri, integrado por António Salvado, Pilar Fernández Labrador, Carmen Ruiz Barrionuevo, Jesús Fonseca, Alfredo Pérez Alencart, Carlos Aganzo, José María Muñoz Quirós, Julián Barrera Prieto e Inmaculada Guadalupe Salas, concedeu este prêmio em Salamanca, em 1º de abril de 2017, à poeta cubana-espanhola Lilliam Moro, por seu livro “Contracorrente”, um dos vinte trabalhos escolhidos como finalistas, dos quinhentos e vinte inscritos. O prêmio, de periodicidade anual, é realizado pela Associação de Mulheres em Igualdade, com a colaboração da Sociedade de Estudos Literários e Humanísticos de Salamanca (Selih) e o Conselho da Província de Salamanca.

A POESIA RARA

A poesia há de ter caráter. Aquele sentimento que a poesia exige do poeta que se busca e se traduz com a palavra que tantas vezes fere. A poesia está na contramão do mundo, cada vez mais distante dos que ainda cultivam sensibilidades e gestos de solidariedade. A poesia não quer viver de experiências. A poesia é. A poesia é a palavra indignada, aquela que recolhe os pedaços, aquela que busca na memória o tempo amargo das circunstâncias.

É o que narra a poeta cubana Lilliam Moro neste “Contra-corriente”, que discorre seu poema com o respeito, palavra por palavra, letra por letra, verso por verso, construindo um tecido raro que a poesia sempre haverá de merecer. A poeta está sempre diante de si mesma e deixa que as palavras nasçam, mesmo diante do horror de um tempo sem saída. O horror continua. Cabe ao homem fazer sua própria história.

Para a poeta Lilliam Moro, o poeta é aquele equilibrista que anda sobre a corda finíssima do caos, do que está quebrado, do que deixou de existir e vive uma memória quase apagada, onde as imagens se perdem e as palavras se mutilam nas sombras. Cabe ao poeta reconstruir e juntar os pedaços e transformar tudo em poesia, o que se salva ainda no lírico quase impossível num tempo de absoluta negação. Ess momento em que tudo cai em cima da própria intimidade. Então é preciso saltar sobre o medo sem a rede protetora, como um trapezista que tenta tudo e muitas vezes sente a queda, mas sem tocar no fundo, porque até a profundidade tem seu limite.

Assim o poeta se descobre, como a reinventar a própria vida a seguir. As palavras desaparecem. As pessoas também. É preciso, então, conversar por dentro os versos possíveis, em busca de si mesmo, o poeta que se perde entre os escombros. O poeta grita, mas nada se ouve. Diante desse cenário de incertezas, descaminhos, desencontros e desencantamentos, Lilliam prefere aprimorar o seu silêncio na palavra que não se diz, a mímica da alma, para dizer o que sente. A poeta afirma, com angústia, aos que ainda sentem, que não valeu a pena.

Os poemas de Lilliam Moro atravessam o caos deste tempo incerto com os passos decididos para encontrar as saídas e o que resta de tudo, de um mundo sem cordialidades, árido para os sobreviventes. Então é mesmo necessário ser um equilibrista numa corda que vai quebrar, desfazendo a vida dos que ainda sentem e querem viver. Na verdade, é preciso ser esse equilibrista que caminha sobre a fina corda do caos num circo de espectadores cegos. Um circo que pode representar essa imensa solidão que atinge o homem em sua luta pela vida, ferido que está, mas é preciso prosseguir, ser esse equilibrista que atravessa o tempo de si mesmo com as mãos que sangram. A poeta observa que tem o vício secreto que conversar consigo mesma, numa linguagem de figuras retóricas. Não importa o momento, porque fala com a naturalidade da voz e das coisas todas que a cercam. Não é preciso dizer, porque esta poesia vai além da própria palavra, porque revela o espírito e os segredos guardados como se costurados na pele.

Comovente a parte de "Contracorriente" que dialoga com vários poetas, numa palavra fraterna, nostálgica, aquele gesto que se guardou no tempo para revelar depois, muito tempo depois. Os poetas que deixaram seus poemas como marca de seu tempo, da própria vida. Comovente porque as palavras da poeta soam como uma saudação que salta

da boca como um aceno de quem chega e abre a porta para rever os amigos de uma poesia que faz um retrato em poemas elegantes. Uma palavra de homenagem que só uma poesia séria e honesta como esta de Lilliam pode proporcionar. Igualmente comove o espaço que a poeta reservou no livro para a melancolia, uma coisa palpável, um corte, um ferimento. Aquela cicatriz que fica grudada na pele, a marca de um tempo que conversa com as ausências e o próprio silêncio que entra na vida negando a palavra.

Essa melancolia que persiste existir em tudo, na memória que não morre e está sempre viva a mostrar fotografias do passado, igual aquele dia em que a poeta chegou a Madri e percorreu as faces das pessoas num Café, observando seu próprio rosto quase estranho a si mesma. É mesmo preciso conversar com o tempo, para que o tempo seja o espelho das coisas que se findaram. Arrancar do tempo tudo que deixou de existir e pertence a um outro plano da vida, o do esquecimento. Mas não é possível esquecer. Há momentos em que se chega diante de um espelho e a poeta diz: "Esse rosto que vês não é o teu". É também assim esse despojamento de tudo.

Chega uma hora que não é mais possível esquecer. Conversar com esse tempo desaparecido equivale falar com a poesia, sabendo-se, sempre, que a memória é o lugar do caos e das coisas que morreram, do que deixou de existir, o gesto, os passos, a palavra que se corta na garganta e não se deixar dizer. Então é preciso buscar o caminho que conduza ao verso que não foi escrito, à poesia que deixa de existir, ao poema que se apaga, ao silêncio sagrado, aos abraços perdidos.

É preciso chegar nessa esperança perversa proibida por lei para sempre. Mas a lei não pode negar a vida, nunca negará a vida. Porque a vida existe e é vivida mesmo no

tropeço. É mesmo preciso buscar o caminho, como diz a poesia de Lilliam Moro, para, afinal, abrir o mundo e viver esse mundo com a intensidade absoluta do ser. Lilliam dedica trechos de seu livro às palavras que se diz no silêncio de si mesma para, depois, escrever as palavras que somente ela poderá ler. A poeta diz num poema que grita, mas ninguém ouve, por isso aperfeiçoou-se à própria ausência de si. Ao poeta Rubén Darío, ela afirma que também sente a dor de ainda seguir viva. A Reinaldo Arenas, observa ter sido ele o impulso da sobrevivência. O que vale é a liberdade de viver. A Gastón Baquero, Lilliam diz que está proibido pensar no passado porque tudo, a partir de agora, é o novo, o inédito. Lembra de Lydia Cabrera, que pintava pedras com um pincel de espumas e as cores do arco-iris.

Um momento de uma poesia lírica que ainda existe na linguagem dos poetas que conhecem o seu ofício de escrever. É assim o sentimento de ter o sonho exilado pelas sombras, as mãos que batem nas portas que não se abrem e as janelas sempre fechadas a uma poesia que, a par de tudo, também se revela amorosa, em busca da lembrança, das imagens ainda guardadas em forma de poesia. Os poetas morrem. Suicidam-se ao viver. Os poetas que não acreditam na certeza e preferem mergulhar na vida em sua própria descoberta. No entanto, a morte não significa ser livre. A liberdade é outra coisa. Ser livre é poder voar, especialmente quando a esperança é perversa e está proibida por lei para sempre. Significa proibir a vida. Significa não poder ir às praças e às ruas com o poema para dizer. Os ouvidos estão atentos, mas também estão adormecidos.

Nada é para sempre. Nada. As coisas todas não são definitivas, nem a brutalização da poesia, a realização do poema. O abraço do amigo, o que deixa de ser, de repente, essa liberdade que sempre haverá de ser conquistada. O poema "El Equilibrista" explica melhor essa

travessia, quando o homem se depara diante de si mesmo e sabe que tem de seguir mesmo entre as sombras. É difícil, mas não impossível.

A poeta Lilliam Moro sabe disso. Por isso, este livro "Contracorriente" é um testemunho de seu tempo. É também uma poesia de afetos e de amarguras. A palavra da alma exilada que tenta viver o que ainda resta da poesia longe da pátria envolvida nos lamentos. Vale essa procura de sempre, para que a vida possa viver. A vida sempre haverá de viver. Mesmo diante dos muros, dos silêncios, das ausências, da palavra cortada, da boca ferida. A vida sempre haverá de viver.

ÁLVARO ALVES DE FARIA
São Paulo/Brasil
Jornalista, poeta e escritor

*Com toda minha gratidão dedico este livro de poemas
ao Doutor César Mendoza Trauco, cardiologista, que,
como agente de Deus, me trouxe de volta à vida, não
obstante todo prognóstico, dando-me a oportunidade
de escrever esta obra intitulada, a propósito,
Contracorrente.*

I. *Por imperativo categórico*

ERÓTICA DA PÁGINA EM BRANCO

Aqui está à minha frente
tratando de me excitar com seu cheiro
cuja fragrância é a reminiscência
da origem de todos os prazeres,
a fonte da vida
que ficará impregnada entre os meus dedos.
Ela me leva a acariciar sua superfície
e ponho minha mão sobre sua suave pele
e a deslizo como se fosse o
ensimesmado e trêmulo corpo de uma primeira vez.
É o começo da paixão e o êxtase,
o fogo tornado tinta com a qual vou marcando-a,
para que ninguém mais escreva sobre o que eu escrevo.
É a consumação, quando parece
que nos tornarmos um,
o espasmo que cria a nova realidade
com as mesmas palavras que, promiscuamente,
outros falaram, escreveram, murmuraram, gritaram
bem no início de todos os inícios.
Mas comigo ela será sempre virgem.

O DOM DA PALAVRA

Quando de repente tudo cai em cima de mim
e sinto que tenho coisas a dizer,
apalpo meus bolsos, o cabelo, o coração
mas não encontro as palavras.

Como se a memória
fosse o chamejante papel de um jornal
e vão-se consumindo entre as chamas
o dito e o que ficou por dizer,
o lembrado e o esquecido,
e as letras crepitam, fazem-se fumaça
que se perde no ar
para que não se possam encontrar as palavras.

Ali, frente ao espelho,
já não vejo meu rosto,
apenas a ausência de palavras.

As sábias, as justas, as precisas,
as que herdamos mas não escolhemos,
essas que ficaram sem som
como um nó de medo na garganta
para que não se encontrem em lugar nenhum
que esteja fora de mim.

Mas as outras,
as infames, as rudes, as inúteis,
aquelas articuladas pelo incompreensível,
o falso resplendor das trevas,
a primeira e a última palavra:
as do amor e do caos
não só uma das duas
mas as duas, inevitavelmente juntas
comigo sempre.

O MONGE COPISTA

Tenho o vício secreto de conversar comigo mesma
com uma linguagem isenta de figuras retóricas.
Não importa em que momento, sozinha ou
acompanhada,
com tanta perfeição que ninguém se dá conta
pois me falo com naturalidade
mas sem emitir aquilo que me sei.
Inclusive às vezes escrevo com o dedo
qualquer palavra-chave sobre uma pele nua
no meio da noite, entre frases de amor.
É que me dão alegria
os sensatos de boa vontade,
os práticos conselhos que sempre chegam tarde,
o apreço e o olhar compreensivo
daquele que pretende que me pareça com ele.
Estou acostumada a aproveitar
a vertigem de andar sobre a corda frouxa,
mas sem asneiras e sem frases ridículas
ou conclusões cafonas. Prefiro
vomitar minhas ressacas sem palavras, sem barulho.
Escrevo frases invisíveis que só eu posso ler.
Grito, mas não se ouve nada.
Me aperfeiçoo no silêncio.

POEMA PARA MIM

(Ao voltar do outro lado, outubro 2013)

*... invadiu-me a sensação [...]
de que o destino com frequência
termina antes da morte.
(MILAN KUNDERA, A brincadeira)*

Onde estará quem outrora fui?
Quem levava meu nome e sobrenome?
Qual o original e qual a cópia?

Só sei que essa outra, minha melhor inimiga,
era um dever diário,
um medo pelo medo perseguido,
um passado mais longo que a vida,
a porta sempre aberta,
uma rua de Ávila no inverno,
e um monte de desperdícios inúteis;
era uma jangada com todos os adeuses;
o esforço de Sísifo, a rocha, a condenação.

Eu sou a nova mulher que apareceu em cena.

Onde quer que a outra,
a primitiva, esteja,
dou-lhe minha mão, meu agradecimento
e algum gesto repreensivo
porque se esqueceu de levar
minha alma quebradiça,
minha boa vontade a todo custo,
os beijos, os olhares, as certezas.

Algum dia voltaremos a nos encontrar.

O INDIVÍDUO MILENAR

Quando acreditávamos que o horror havia passado de moda
e o homem temeroso já não baixava a cabeça
para passar inadvertido,
o indivíduo milenar escapava de novo
das páginas dos livros de História.

Os mapas estão cheios de pontos pequenos:
são tremores humanos sob o piedoso céu,
o medo revestido por uma pele, por um farrapo, por uma gravata
daquele que caminha na ponta dos pés para não ser notado,
para que o barulho de sua respiração
não desperte quem tem a razão, o punhal,
o discurso que deixa minha vida em pedaços,
o que parece ser meu semelhante
e até come, sorri, procria como eu,
mas retumbam suas pegadas dentro do meu pequeno coração
porque quer salvar-me,
o que me insulta porque quer salvar-me -
uma vez e outra durante tantos séculos
empenhado em salvar-me.

Sempre tive de viver em estado de sítio.

Como fazê-lo entender que somente me salva
um par de certezas ou nenhuma,
os erros que me são tão estimados,
e até este fogo inútil
que como um deus me limpa a alma?

OS NÁUFRAGOS

Deve-se temer a morte na água.
(T. S. ELIOT, *A terra devastada*)

Todos aqueles que nadaram
e não chegaram a parte alguma
porque logo depois os devolveram de volta.

Todos os que atracaram nas praias
da terra prometida porém inertes,
de bruços, com areia na boca.

Todos os que foram desmembrados
pelos sagazes tubarões;
aos que lhes estouraram a pele
sob o sol implacável dos trópicos;
os que beberam a água salgada e a urina
numa tentativa de viver um pouco mais.

Os que rezaram a Deus,
que imploraram piedade às tempestades,
à guarda costeira,
ao Mistério que os jogava até o fundo.

Os que deixaram uma família esperançosa
dizendo adeus desde a costa.
Os desesperados, os aventureiros,
os bons, os maus, os quase maus, os meio bons.

Os que tiveram a sorte de chegar,
mas sentiram que não valeu a pena.

A alguém terão de pedir explicações.

A MAIS BONITA

Esse rosto que vês no espelho
não é teu.

Olha bem para ti:
procura a ti mesma para além do perfume barato
da face pintada,
do afã de agradar;
encontra a ti mesma atrás das orelhas,
do olho inchado,
da vista opaca,
envelhecida antes do tempo,
das palavras que te escalpelaram
a pele do coração.

Uma vez que te tenhas descoberto
abraça-te, como se fosses a mãe de ti mesma,
o amante sonhado desde a juventude,
o deus que sempre te vê bonita,
E rompe os espelhos.

O EQUILIBRISTA

Para Lourdes Cañas

No princípio só havia
a corda fina e o vazio.

O salto por cima do medo
sem rede de proteção:
a plenitude de atingir
o mais difícil.

Mas ainda que caíamos muitas vezes
nunca tocamos o fundo
porque a profundidade não tem um limite.

Nem todas as quedas são estridentes:
também há pequenos escorregões
dos quais ninguém se dá conta.

Nada suspeita
que somos os equilibristas
sobre a finíssima corda do caos
em um circo de espectadores cegos,
e que, às vezes, apresentamos nosso espetáculo
sem público,
até mesmo sem equilíbrio,
e sem corda.

O SHOW DEVE CONTINUAR

De repente acabou-se para ti o roteiro do filme
mas a projeção deve seguir,
a tela preta e grande solicita isso,
seu silêncio exige isso,
as luzes não se acendem
e o público já pagou sua entrada.

Como explicar que às vezes
os filmes mudos se tornam eloquentes,
e que a imagem que ficou congelada
ainda faz palpitar a tela do cinema?

A sala está cheia de impacientes
que estão a dar pontapés no chão;
não se entendem as explicações,
o movimento os entusiasma,
a ação, os bofetes...

A escuridão chia
e tu tens medo.

II. *Homenagens*

AUNG SAN SUU KYI

Teu sorriso discreto
é um convite à bondade;
teu nome, que não sei pronunciar,
é o caminho das oito veredas.
A vereda é uma oitava maior
do teu dever como destino,
como ausência de tudo
para tudo alcançar.

No espaço mínimo ocupado
por tua figura, aparentemente tão frágil,
cabe o significado da liberdade;
a liberdade é a abundância
de amor em teu pequeno coração,
e teu coração é a vibração da Luz.

Agradeço-te porque, sendo apenas quem és,
tu me propiciaste conhecer o universo.

EM MEMÓRIA DELES

Os poetas poetas
morrem em vida, ou se suicidam,
ou se entregam ao vírus das três iniciais,
ou abrem as portas ao caranguejo que de lado caminha,
e internamente os devora como se fossem um grande
amor.

Os poetas poetas,
os que desprezam as certezas,
os estraga-prazeres, os que se vestem muito mal,
são os que escolhem arder como na alquimia
para criar mundos impossíveis
que substituam o sorriso forçado,
a metáfora medíocre,
o premiozinho que os corrompe,
a outra face dada a tapa
daquele que administra as medalhas e a fome.
Os poetas poetas arriscam-se ao esquecimento,
a pior de todas as mortes.

REINALDO ARENAS

Cuba será livre. Eu já sou.
(Carta de despedida de
REINALDO ARENAS)

*Serão cinza, mas fará sentido;
serão pó, só que um pó apaixonado.*
(FRANCISCO DE QUEVEDO)

Sempre me surpreendeu tua exuberância,
a virtude de escrever intensamente;
foste um impulso, uma obsessão,
uma sobrevivência a todo custo.

Foi teu olhar absorto e surpreso
de um menino no meio da escuridão
à procura de uma mão que não existe:
perdeste o mapa e não achaste a saída.

Na perene fuga,
abrasado pelo fogo de tua própria extinção,
foste embora e não foste
daquilo que chamam pátria:
a obstinada persistência de uma forma de ser,
de um costume, de uma melancolia.

Agora flutuarás livre do afã e do corpo;
não sei se o paradigma do ardor que tu eras
também se transformou em cinza.

Morto estás, mas livre não:
a liberdade é outra coisa.

GASTÓN BAQUERO E SUA ROSA DE VILLALBA

*Eu vi uma rosa em Villalba:
era tão bela, que parecia uma oferenda feita às rosas
para festejar a presença das rosas na terra.*

(GASTÓN BAQUERO, "Discurso da rosa em Villalba")

Em Madri sempre cai uma garoa fina
para traspasar a alma de quem chega
a esta terra que não é prometida
mas só um túnel no fim de outro túnel.
Está proibido pensar no passado,
nos momentos que considerávamos bons
com aroma de café e de uma cozinha íntima
que ilumina os olhos da mãe.
Passado o embaraço inicial, a hesitação,
a adaptação aos novos cheiros,
ao apito do metrô,
tivemos que nos inventar:
tudo a partir de agora será inédito
exceto o passaporte
e o sotaque que nunca perderemos.

Quanta tranquilidade nos dá o anonimato
e o simples regozijo de nomear
a rosa de Villalba.

LYDIA CABRERA E SUAS PEDRAS MÁGICAS

Ela pintava pedras com um pincel de espumas
que ia molhando com certo desleixo
nas cores do arco-íris que pingava
prismas perfeitos feridos pela luz;
traçava olhos, bocas, sorrisos ou um rito de pesar
e até a leveza de um mau presságio
fez-se ver.

Iam nascendo deuses nas pedras inermes,
e deu nome a eles:
no princípio foi o Verbo e a cor.

AMIGO

Para Reinaldo García Ramos

Quando se diz a palavra
amigo
as letras se entrelaçam
e vão formando um círculo de luz
que guarda com esmero a história pessoal
de cada um,
os momentos detidos à beira do esquecimento,
o cheiro de pão crocante há pouco feito
que, novamente compartilhado,
será a comunhão de lealdades,
alguma melodia que se enrosca ao ouvido,
frente ao mar de uma cidade está ruindo.
Sempre que pronunciamos essa curta palavra,
abrem-se de par em par as portas
e saem as bem-aventuranças,
os risos que se pensavam perdidos,
a mão imprescindível
que apertamos como num ritual de iniciação
nestes tempos tumultuosos
para estarmos protegidos do esquecimento.

IRMÃO RUBÉN

Francisca Sánchez, acompanha-me...
(RUBÉN DARÍO)

Obrigada, nosso poeta, por nos dar tuas princesas,
pela flor que continua a desmaiar num copo,
o quiosque exótico de rica malaquite,
e com tua angústia de sempre porque ainda é incerto
para onde iremos ou de onde viemos.
Hoje seguimos sentindo a dor de estarmos vivos
enquanto na memória o som da clave
nos diz que acendamos entre tanta penumbra
a luz que resplandece em teus altivos versos
porque seguem vigentes os motivos do lobo.
Somos um hemistíquio que ficou flutuando
sem seu par heptassilábico de uma rima perfeita;
ajuda-nos, poeta, porque nos perdemos no caminho
sem poder a ninguém suplicar pelo que um dia
disseste, aquele *Francisca Sánchez, acompanha-me...*

III. *Um pouco de melancolia*

MADRI, 1970

*... sempre confiei
na bondade dos desconhecidos.
(TENNESSE WILLIAMS,
Um bonde chamado "Desejo")*

Um dia depois de chegar
à cidade dos desconhecidos,
entrei num bar
e enquanto desfrutava de um café diferente
vi meu rosto e o dos outros
no espelho do balcão:
muitos olhares me rodeavam,
e eram como sorrisos,
amáveis e longos gestos de boas-vindas.

Naquela primavera andei pela cidade
e caminhei por suas ruas planejadas e limpas
enquanto um ar ligeiramente frio
sussurrava em meu rosto.
Logo pressenti o que chamavam de futuro.

Foi bom cruzar com pessoas sem nome,
saber que tão somente minha própria sombra me seguia;
tantos vocábulos novos para aprender
dentro do mesmo idioma compartilhado,
outros costumes para adquirir
e diferentes lábios para diferentes beijos.

Tudo estava ao alcance de minhas mãos,
ao menos assim parecia,
e hoje faz quarenta e cinco anos e oito meses
daquele pressentimento de futuro.
(O que veio depois é outra história).

A DÍVIDA NÃO COBRADA

Para Julia Peña

Naquela tarde houve o primeiro encontro
em que porta afora encontrava-se o mundo,
o céu cinza, o gélido vento de Ávila.

Porta a dentro
uma discreta e tímida esperança
de cobrar o que a vida me devia.

Incorporei-te
aos nomes da família,
aos meus livros, às vontades perdidas,
e fui secando meu suor
dos amores mais recentes.

Aquilo foi uma competição de desastres
- entre os teus desastres e os meus -,
de sorte que o mais prático e sensato
foi esquecer os equívocos e as raivas.

Anos depois, porta afora,
um verão eterno e esta anódina cidade.
Porta a dentro
a tal dívida continua a aumentar
de modo que não terei tempo de cobrá-la.

A CASA VAZIA

A casa foi se povoando de silêncios:
negava-se a aceitar
as vozes que permaneceram,
os passos retumbando no corredor,
o cheiro das novas comidas.

Na casa ficou o espaço vazio
que eu havia ubiquamente ocupado;
o cristal das janelas reteve meu olhar
detido na neve,
nas árvores nuas,
na velha fachada da casa da frente.

Mudaram-se os móveis de lugar
e outros livros foram acomodados entre os meus livros,
mas as personagens, os títulos,
as capas coloridas e adornadas,
as histórias, os versos
permaneceram a me esperar.

Demorei a voltar.

Hoje está tudo amontoado em caixas desoladas
nalgum lugar do mundo.
A casa, finalmente, rendeu-se
aos novos habitantes.

CONVERSANDO COM CARLOS

Para Carlos Cobiella

O tempo foi passando mais rápido do que prevíamos
e já não há nada a perder nem a ganhar.
Como vivíamos a nos pensar eternos
o presente fez-se fumaça entre as mãos
enquanto morriam os amigos, os parentes,
nossos gatos
e nossas convicções mais solenes.
Sinto, como tu provavelmente sentes,
que não fui eu o personagem que viveu
certos amores tormentosos,
a pessoa patética
que tanto desgastou os sapatos
a esmo pelas calçadas
desperdiçando tantos “para sempre”,
que foram comidos pelos dias, meses e anos
com a fome ávida de um mendigo
com a alma tiritando de frio.

Tu e eu
estamos unidos pela cumplicidade das causas inúteis
e das palavras que não foram a tempo pronunciadas.

Confiamos demais no milagre
de que algo aconteceria para enfim nos salvarmos
de uma vez por todas,
algo tão absoluto como um relâmpago de Deus,
uma piedosa mentira que fosse tal como o paradigma
de todas as verdades.

E talvez tenha acontecido sem que nos déssemos conta.
Hoje em dia
já não nos resta muito tempo
para mudar o mundo
e muito menos nós mesmos.

A UMA DESCONHECIDA

Não me atrevi a imaginar-te
para não arruinar algum encontro;
não posso dizer que te procurava,
mas apesar disso pensava que te via
em todos os rostos e em nenhum.
Evanescente, teimosa, amável, silenciosa,
quantas se pareciam contigo,
e todas eram tu e não eras nenhuma.

Tinha medo de me equivocar
e de estar certa.

Entretanto
quantas frases de amor desperdiçadas,
quanto fervor até a exaustão,
e depois um final como se não houvera nada.

Toca-a de novo, Sam.

PARIS OU NOVA IORQUE

Para Ana M. Simo

Tão jovens éramos àquela altura –
tínhamos a idade em que tudo é possível:
tu descobriste um mundo diferente
e eu descobri a ti.

Acreditávamos em algo
e uma acreditava na outra.
Não esqueci o tom de tua voz,
tampouco o quanto te admirava.

O medo tomou conta de nós.

Mas se hoje nos cruzássemos pela rua
de uma cidade do mundo
e nos reconhecêssemos, apesar dos anos,
melhor passar direto, e tanto faz.

A NOITE DA SIDRA

Depois de tudo
viver e não querer dar a volta
ao nosso espelho pessoal -
porque provavelmente atrás não há grande coisa -
por fim o que nos sobra
é esta pesada carga de esperanças
que pesa mais a cada dia.

E eu tudo daria para que neste fim de ano
ao tirar a rolha da sidra
saísse borbulhante o líquido festivo
salpicando em mim
bons propósitos
como no ano passado e no retrasado
e no ano anterior ao retrasado
e nos outros anos mais distantes.

PARA SEMPRE

Para Julia Peña

Ela uma vez me disse “para sempre”
e eu também lhe disse “para sempre”.
Mas agora que já passaram os fervores
gostaria de saber
em que altura do tempo ou do espaço
está a eternidade,
onde o que nos parecia tão solene –
a vontade de perpetuar a beleza,
a magia, o sagrado,
a unicidade de deus –
se tornou virtual e inacessível.

O tempo não é um espaço,
não toma nenhum lugar
a não ser na memória.

E a memória é a região do caos.

A CADEIRA

*Para tia Isabel,
In Memoriam*

Sentei-me a muitas mesas
em diferentes casa,
ante distintos pratos
e uma cadeira sem ninguém.

Cadeira que foi ocupada pela mãe,
pela amante, pela tia:
a inolvidável ausência na família
sempre levava o nome de uma mulher.

Nas celebrações, ninguém faz comentários
nem olha de relance o assento vazio:
permanece ali a marca de uma imagem
habitada por uma irrepetível biografia.

Não há nada mais impotente do que uma cadeira vazia.

PROIBIDO POR LEI

Perdi os abraços
e partes do meu corpo
ficaram por aí dispersas,
incrustadas em outras vestimentas.

Agora busco um caminho
que me conduza ao verso que não cheguei a escrever,
ao silêncio sagrado que preenchi de palavras,
a um lugar sob o céu onde possa encontrar
esses abraços perdidos
e onde a perversa esperança esteja proibida
por lei e para sempre.

O SACO

Vivi o ódio dos outros.

Ninguém me perguntou o que eu pensava.

Já me entregaram tudo completamente feito:
pegue-o ou largue-o.

Eu era então um saco repleto de boa vontade
mas ainda assim não pude, não posso, não poderei,
nunca poderia.

Fiquei sozinha com algumas palavras
que às vezes resistem
e o saco sujo e esfarrapado
que aperto entre meus braços
enquanto lambo minhas feridas.

MIAMI STREET

Moro numa rua
que pertence a um bairro
que quer ser cidade
que quer ser país
mas é terra de ninguém habitada por todos
que correm atrás de papéis
que os tornem pessoas;
aqui a ingenuidade vende por atacado
sonhos onde se paga barato
por tudo;
há muita sujeira e latas de cerveja
e montes de idiomas que são apenas um,
povoado com muitas caras mas sem rosto algum,
agitando no ar, entusiasmado,
diferentes bandeirinhas de papel.

ÍNDICE

<i>PREÂMBULO</i>	9
I. POR IMPERATIVO CATEGÓRICO	
ERÓTICA DA PÁGINA EM BRANCO	19
O DOM DA PALAVRA	20
O MONGE COPISTA	21
POEMA PARA MIM	22
O INDÍVIDUO MILENAR	23
OS NÁUFRAGOS	24
A MAIS BONITA	25
O EQUILIBRISTA	26
O SHOW DEVE CONTINUAR	27
II. HOMENAGENS	
AUNG SAN SUU KYI	31
EM MEMÓRIA DELES	32
REINALDO ARENAS	33
GASTÓN BAQUERO E SUA ROSA DE VILLALBA	34
LYDIA CABRERA E SUAS PEDRAS MÁGICAS	35
AMIGO	36
IRMÃO RUBÉN	37
II. UM POUCO DE MELANCOLIA	
MADRI, 1970	41
A DÍVIDA NÃO COBRADA	42
A CASA VAZIA	43
CONVERSANDO COM CARLOS	44

A UMA DESCONHECIDA	45
PARIS OU NOVA IORQUE	46
A NOITE DA SIDRA	47
PARA SEMPRE	48
A CADEIRA	49
PROIBIDO POR LEI	50
O SACO	51
MIAMI STREET	52



Lilliam Moro (Havana, 1946) saiu de Cuba em 1970, viveu na Espanha por mais de quarenta anos, e desde 2010 reside em Miami (EUA). Poeta e contadora de histórias, possui uma obra poética que compreende os livros *A cara da guerra* (Madri, 1972), *Poemas de 42* (Madri, 1989), *Caderno de Havana* (Madri, 2005) e *Obra poética quase completa* (Miami, 2013). Também publicou a novela *Na boca do lobo* (Madri, 2004: Prêmio de Novela Villanueva del Pardillo). Logo será publicado seu próximo livro de poesia *O silêncio e a fúria*, em Miami.